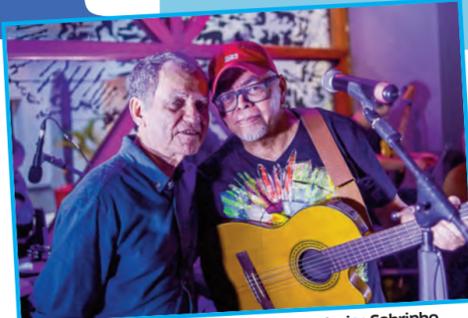




Betto Pereira e Josias Sobrinho na arte que evoca 200 anos do poeta Gonçalves Dias

PAG. 4 e 5



No Convento das Mercês, Betto Pereira e Josias Sobrinho contam e cantam, com pintura e música, os 200 anos do Poeta Gonçalves Dias

Radicado no Canadá, o cantor maranhense Rommel chega a São Luís com o show Karawara

PAG. 2

Reprodução



JORGEANA
Martins Louzeiro mudou de idade na última quinta-feira (19), é recém-formada em Direito e se prepara para grandes voos profissionais na área. Além de bonita, ela encanta e espalha luz por onde passa

Não faz ideia do que é ser de onde não tem mar quem nasceu e vive no litoral. Tiro por mim que vim das brenhas, lá dos cafundós do Sertão e me extasio com a festa aquática. Do mar-oceano, quero os olhos verdes, arregalados, assim me espiando de viés, enquanto leio e sonho. E ainda hoje, cravada em mim, essa imagem enfeitada a lapela da alma, faz meu peito espalhafatoso rir que nem demente... Decerto, integra a cultura que nos legou o tombadilho, seja - portanto - nós, vocês e eu. Daí, um testemunho pessoal aqui cai bem.

Vem de longe a paixão, dos meus cinco anos - idade em que no nosso clã ninguém morria. (Imito Fernando Pessoa: o que sou é ter crescido e ser órfão.) E conto: papai, do interior e me tendo à mão, viu-me embarcado com as águas em ondas quebrando na praia. Disse: "É o mar, meu filho" - e me bastou. Foi como se, ali, ele me apresentasse à utopia. (Agora, esse anúncio do pai me evoca o argentino Jorge Luís Borges, morto há 37 anos: O mar, o velho mar, já estava e era). Embeveci para sempre. E, desde então, fiz do oceano companheiro e cúmplice, compadre e cupincha desta vida marinheira que, por erro de clas-

DEVANEIOS:

do mar-oceano quero os teus olhos verdes e a minha alma sertaneja

se, me deixam viver. E vivo - intensamente.

Hoje, a modéstia já não me cala mais a boca: vivi a vida em demasia, sim. Vivi-a junto e só, em livros e na rua, pelos amores e em geografia, por toda parte onde medra a ação e o pensamento.

Em outras terras, o mar me viu com tons que não o esverdeado que se vê da ótica do Nordeste, ou jade, a cor da água em Portugal. Era Rafina, vilarejo grego que lambe Atenas, eu um jovem que fazia versos, acreditando no dizer poético para salvar o mundo. A minha companheira de viagem estranhou tanto azul anil - pensando bem, de Mondrian - saindo do Mar Jônico. Por ironia, falei que era o cisco do Atlântico, coado

no Estreito de Gibraltar, fazendo de boia o cocó árabe do medieval Magreb - mais lixo "cívico" do sul da Europa. E o resto - Tirreno, Egeu, Mediterrâneo, Adriático... - blefes e sacanagens dos mapas. Ai, ela me olhou assim como quem olha doído. E, naquele momento, estava redondamente certa a minha amiga...

Como nunca tive a pretensão de escrever um diário de viagem, prefiro falar da magia do Atlântico - massa líquida que finge e significa afeto, molda-nos a sensualidade, dá ritmo à voz, põe sal no texto... Mesmo que em outras praias o mar nos veja com olhos diferentes, a alma luso-tropical vive e continua dolorida. Não sei de ânsia

literária mais madrastra, a dar e a receber pancada. É látego vindo das ondas desconumais do oceano que nos borda e serpenteia - diria alguém chegado ao (e do) Parnaso. Existe, sabe-se lá, argonauta em nós que vem dos almirantes Vasco e Cabral, de mares nunca dantes, travessias... Tudo Atlântico, vindo e indo nas naus de Sagres, no sargaço pescador, na agonia. É só correr a vista por Camões, Florbela Espanca, Bandeira, João Cabral, Eça, Graciliano, Machado, Rosa (sem Minas), Saramago... - e tantos mais que deram, em literatura, a emoção que a vida nos negou, ou não nos pôde dar.

Por isso, assim e mais, vou louvar o mar. A mim, já e sempre, conta como te vejo verde e o quanto te quero bem, meu querubim. Conta o modo como te via ao lado do pai; conta o jeito e a forma com que contigo sonhei em sertanejo, o modo de te ler e descobrir em português... Por tudo, deves cantar intenso e estridente, oceano. E cantar muito. Até nos polir o sensitivo, ferindo o peito gauche e a despertar os peixes.

Canta, sobretudo, pra ninar a minha alma sertaneja e caipira; canta doce, água atlântica, abissal...



Fotos/Divulgação

Maranhense de São Luís, Rommel, abre sua nova temporada de shows no Brasil começando por sua terra natal

ROMMEL RETORNA A SÃO LUÍS

De volta aos seus pagos natais, o bem sucedido cantor, compositor e produtor musical maranhense, Rommel, nascido em São Luís, abre sua nova temporada de shows no Brasil começando por sua terra natal, com um super show, dia 26 de julho, no Teatro João do Vale.

Rommel, mesmo radicado no Canadá, não perdeu nada de sua brasilidade, e vem à Capital mostrar seu novo trabalho, Karawara, uma diversidade rítmica marcada por músicas em português, espanhol, francês e inglês.

Em única apresentação, Rommel promete cantar faixas de seu novo disco, prestando homenagem aos povos indígenas do mundo e sua história de luta por direitos



No palco, Rommel e sua banda

humanos básicos e reconhecimento, buscando, por meio da música, levar uma mensagem de paz, esperança, humanidade e compaixão.

No espetáculo, a abertura será com a artista Mirlla Ribeiro, e logo em seguida, o

show com Rommel e sua banda de músicos escolhidos a dedo, formando um time com os melhores da cidade.

O show será no Teatro João do Vale, na Rua da Estrela, bem localizado no Reviver. E está previsto para começar, pontualmente, às 20h.



No espetáculo, Rommel conta com a artista Mirlla Ribeiro



Em Karawara, Rommel apresenta uma diversidade rítmica marcada por músicas em português, espanhol, francês e inglês



Luciano Gomes soprando as velas do bolo de aniversário após ouvir um coro de "parabéns pra você"

51 ANOS DE LUCIANO GOMES

Sempre de bem com a vida, o "bom vivant" Luciano Gomes iniciou a semana em festa, por conta dos seus bem vividos 51 anos de idade no dia 17.

E como no slogan da propaganda de um famoso aguardente, ele "teve uma boa ideia" e esquentou a comemoração com uma festa só com a família e alguns amigos, em seu big apartamento.

Ao lado de sua amada Márcia Valle e das filhas Giovanna e Rafaela Azevedo Gomes ganhou uma celebração à altura, com bolo de aniversário, sopro de velas e muitas flûtes de champagne. Além, é claro, de vinhos tintos dos melhores rótulos.

Para celebrar os bons momentos da vida, Luciano só precisa de bons vinhos, o amor da família e a alegria dos amigos.

Para ele, não há receita melhor.



O aniversariante com as filhas Giovanna e Rafaela Azevedo Gomes



Luciano entre o primo e sócio Nilson Eduardo Oliveira e sua tia Virginia Oliveira



Márcia Valle e Luciano Gomes



Luciano com a filha Giovanna e o namorado Gustavo Cutrim Diniz



Luciano degustando bons vinhos com a tia Virginia Oliveira e o primo e sócio Nilson Eduardo Oliveira

Fotos/Reprodução



Uma tela em nanquim mostra toda a beleza do restaurante estrelado no Norte de Portugal

MEMÓRIAS GASTRONÔMICAS

de um país que se vangloria de proporcionar uma das melhores experiências gastronômicas do planeta

Não faz muito tempo que ao desembarcar na cidade do Porto, no Norte de Portugal, fui despertado por um anúncio nu folheto distribuído no hotel: “Eis o lugar onde a História e o Requite se sentam na mesma mesa”. No folheto, a explicação: “Datada do século XIX, com todas as imprecisões que o tempo lhe trouxe, a Quinta da Macieirinha conhece agora uma nova configuração, depois do Solar do Vinho do Porto é ANTIQVVM. Um espaço onde pode não só contar com a beleza monumental do edifício e dos jardins que o cercam, mas também com uma paisagem privilegiada e única na cidade Invicta. A tudo isto, junte uma cozinha magistral – pela mão exímia do Chef Vitor Matos – e uma carta de vinhos não menos invejável”.

Com tão competente motivação, não perdi tempo e fiz minha estreia à mesa de um restaurante com o selo de qualidade Michelin em Portugal, um dos amigos que me acompanhavam no Antiquvm, Porto, uma estrela, não se conteve: – E não é que isto é mesmo de comer?

Que partida esta, a de atraírem um apreciador de comida tradicional para incursionar num templo de comida experimental e inovadora! Já se vê que a discrepância não chamusca nem pode chamuscar a arte e saber de quem pretende estar na vanguarda da cozinha. Por isso tive que me esforçar para não deixar que a inépcia do crítico causasse prejuízo ou injustiça ao crítico.

Em primeiro lugar, o restaurante Antiquvm, fica no ambiente romântico da Quinta da Macieirinha, onde se instalou em tempos o Solar do Vinho do Porto. Bonitas arcadas fechadas com vidraças que nos dão o jardim e o conchelo de Gaia de além-rio. A atenção aos pormenores constrói a qualidade: toalhas, guardanapos, talheres, música ambiente, mas, antes e durante a entrada em cena dos pratos, a atitude dos funcionários, esses intermediários tão importantes entre nós e aquilo que fomos buscar, é determinante.

Passaram com distinção: acolhedores, atenciosos, prestáveis, simpáticos, conhecedores. Sem toque de uma certa sobrançeria que por vezes afasta candidatos a clientes certos.

Inicia-se o desfile de experiências com um prato branco no centro do qual existe um pequeno reservatório com água. O funcionário, com uma pinça, pega no que parece ser uma pastilha branca alta, compacta, e a coloca cuidadosamente no centro do reservatório. Quando, intrigado, observava eu o que poderia sair dali de comestível, avisou-me, mesmo a tempo, que era uma toalhinha para limpar as mãos. De fato, em contato com a água, a aparência de pastilha inchou, cresceu e transformou-se num rolinho de tecido que cumpriu a sua função.

Entretanto, ajudam-me, simpaticamente, a encontrar a meia taça de vinho que, além da indispensável água, foi minha companhia na sequência de sabores: Quinta Valle de Passos, tinto. Gostei. Muito.

Memórias Gastronômicas...2

Logo em seguida, dois pequenos pratos de entradas inauguraram os procedimentos. Mas não eram pratos: uma bola em porcelana branca com a parte de cima elegantemente côncava recebia – nessa reentrância onde a colher redonda que me aguardava em cima da mesa mal cabia – uma ostra disposta nos tons de verde dos molhos; numa taça, pequena porção de chicharro em molho de guacamole, tomates-cereja.

O olhar está conquistado, pois a apresentação vai à frente, a demonstrar a qualidade de quem concebeu com tanta felicidade estética e confeccionou com esmero. Os sabores são suaves.

Trazem-me pão, em pratos separados: uma fatia de focaccia de alecrim, ainda quente, muito boa, e um pedacinho de broa de Avintes, que reconhecerei com alegria, sem ser preciso esperar pela explicação. Senti-me mais acompanhado.

Segue-se esturjão defumado em

molho de manga e moscatel em gel. Agradoce, mas não enjoativo. Exótico, mas não ameaçador.

Agarro-me à broa de Avintes para saber onde estou. Ao contrário da focaccia, agradável, mas talvez um pouco salgada, a perfeição da broa de Avintes salva-me, reconforta-me.

Memórias Gastronômicas...3

Sobremesa: “smile” de panna cotta de maracujá sobre uma bolacha. O amargo ligeiro da panna cotta em forma de carinho sorridente é contrariado pelo doce da bolacha. Um pouco de sorvete de limão sela a refeição.

Confirmo o meu problema: não sou perseguidor de sabores diferentes para além dos de um cabritinho assado no forno que me provem realmente que o que eu não gostava era de mau cabrito assado. Tenho um limite, talvez baixo, para o número de sabores novos ou combinações raras que admito numa refeição.

Ultrapassado, começa a tocar um alarme que passa do estômago para o fígado. Não foi o caso. Ficou tudo em paz com a sutileza das combinações e a mestria da confecção e da apresentação. As quantidades não foram acima nem abaixo do necessário, com a sensação de uma digestão tranquila.

Memórias Gastronômicas...4

Neste requinte de almoço, eu era o único turista brasileiro. Um casal jovem japonês vai fotografando os pratos e alternando de lugar, não sei por quê, ao longo da refeição.

Atrás, uma bela jovem fazia perguntas em inglês, talvez para um blog. Do outro lado da sala, um francês dos seus 70 anos apreciava os pedidos de seu vagar. Ao meu lado, uma jovem japonesa, sozinha, optou pelo mesmo que eu: “menu executivo” com prato de peixe e prato de carne.

O restaurante é, de fato, uma boa embaixada de Portugal.

Memórias Gastronômicas...6

Na minha recente viagem a Lisboa, fiz uma incursão no Alma. E não fui ao Alma com cabeleira postiça, não fiz a reserva com nome falso e fui sozinho. Não fui lá para dar estrelas, porque o Alma já tem uma desde 2016.

Quinta-feira, hora de almoço, 12h30. Dress code recomendado: smart casual. Sentei-me então à mesa do Alma, numa mesa para dois ocupada por um, com vista para a cozinha. A ementa me deu a liberdade de ser o dono da minha própria refeição (pedir à carte), mas eu levava instruções bem claras, tinha de ser um dos menus de degustação. Foram duas horas em que ouvi muitas vezes “desconstruído” e “interpretação do chef”.

Mas este texto não será para definir se as desconstruções e interpretações do Chef Henrique Sá Pessoa merecem, ou não, o selo de qualidade que representa uma estrela deste fabricante francês de pneumáticos. Este será um texto de primeira vez.

Memórias Gastronômicas...7

Ora pela primeira vez entrei nesse “estrela Michelin”. “Boa tarde, bem-vindo, etc. Tem restrições alimentares?”, perguntou o maître. Veio logo a seguir o sommelier para sugerir um aperitivo. Senti-me logo esmagado pela escolha, vários tipos de espumante e cocktails e, como o desafio era me deixar levar nesta primeira vez no estrelado restaurante, pedi uma sugestão e aceitei a recomendação. Veio para a mesa um Negroni, cocktail italiano com gin, vermute, Campari, muito gelo e uma rodela de laranja.

É a bebida que me acompanha durante a observação da carta de vinhos e o primeiro momento da viagem pelo menu Alma, ma “experiência crocante” de tapioca com maionese de ostras e uma espécie de shot de algas.

Ao primeiro momento, seguiu-se logo o segundo, uma tempura de pimentões vermelhos sobre um purê de tomate seco, o amargo das cinzas da tempura a jogar com o doce de todo o resto, e um terceiro, uma “interpretação do chef” do que os portugueses conhecem por amêijoas à Bulhão Pato.

Memórias Gastronômicas...8

Voltemos ao vinho. Estava quase indo para o Romanée Saint Vivant de 2011, um tinto da Borgonha (e a garrafa mais cara da carta, a 3800€), mas acabei mais uma vez pedindo uma sugestão ao sommelier para uma taça de vinho, talvez duas. Veio um do Douro, Quinta do Sagrado Grande Reserva, dado a provar ao cliente – também não tentei uma nota de prova, apenas que tinha boa queda na taça de cristal e uma incrível capacidade de se evaporar rapidamente (esta seria a parte com um emoji a piscar o olho).

O restaurante começou a encher e, de repente, já não tinha o Alma só para mim. Primeiro uma bela jovem sozinha na mesa do canto, pouco depois um casal, outra mesa para mãe e filho, seguidos de um grupo um pouco mais numeroso. Todos provavelmente atraídos pela estrela que estava à porta e conduzidos pelo guia que falava do Alma como “attractive restaurant in the heart of Chiado district” com “high quality cooking”.

Alguns tiram fotografias dos pratos, alguns compartilham as fotos nas redes sociais, alguns têm blogs, talvez algum seja um crítico Michelin.

Memórias Gastronômicas...9

Prosegue a viagem gastronômica, sempre com a nota informativa a acompanhar. Cavala em purê de beringela, um pequeno tentáculo de polvo com páprica defumada, um gaspacho que nos tenta enganar com a sua aparência de sorvete vermelho. E depois do gaspacho vem o pão, que não é uma interpretação do chef, nem é pão desconstruído. Este pão também tem o seu momento crocante, uma deliciosa cõdea a manter a integridade estrutural da fatia, que pode ser consumida a seco, com a manteiga que tem uns pozinhos de sal por cima ou com o azeite produzido exclusivamente para o Alma.

É aí que o bloco de notas vai ficando fechado, porque as pausas para a escrita estão atrapalhando. Os momentos da viagem continuam a ser sabores familiares em combinações estranhas, cenouras assadas com bulgur, o foie gras salteado com maçã, granola e café.

A seguir, duas interpretações do chef de coisas muito portuguesas, a sopa alentejana e o leitão assado, e são os dois maiores triunfos de toda a viagem, pelo sabor, claro, mas sobretudo por décadas de experiência culinária naquele país.

Foram os coentros da sopa e a pele crocante do leitão, as lascas de bacalhau e aquele molho de pimenta, o pão e a carne que se desfaz na boca.

Memórias Gastronômicas...10

Para o fim, duas sobremesas, a primeira, um sorbet de lima, para limpar o palato, a segunda, mais doce, em que a amora (em várias texturas) é o elemento dominante.

“Deseja café?”, é uma das últimas perguntas que me fazem. Não pode ser só café, penso. É só café. Veio com os três últimos e pequenos momentos, um deles um pastel de nata desconstruído, uma pequena bola menor que um berlinde, com capa crocante e um interior líquido que sabe, de fato, a pastel de nata.

Contando com tudo, desde o Negroni ao pastel de nata (sem contar com a água), foi um itinerário com 18 etapas, provavelmente as mesmas etapas que o tal inspetor Michelin com bigode postiço (talvez na mesa ao lado) considerou uma das melhores refeições do planeta.

Fotos/Divulgação



Grande jovem e de bem com a vida no sempre concorrido almoço de domingo do restaurante Frango de Ouro: Mateus Fortes Braga Fernandes e a paulista Marianna Moreira Sciammarela

Ligações para Sarney

O ex-presidente José Sarney tem recebido ligações telefônicas de várias autoridades preocupadas com o seu estado de saúde após o acidente doméstico do último final de semana.

Da Bélgica, onde participou da cúpula Celac, o presidente Lula ligou para Sarney manifestando apoio e disse que em breve vem ao Maranhão para lhe fazer uma visita.

Quem também telefonou da Europa foi o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo, a quem Sarney disse que já estava em plena recuperação.

Visita de Lucchesi

O diretor da Biblioteca Nacional, escritor Marco Lucchesi, será o conferencista do dia 7 de agosto na vasta programação da Academia Maranhense de Letras para o bicentenário de nascimento do poeta Gonçalves Dias.

Lucchesi, que é ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, falará sobre o tema “Gonçalves Dias, uma ideia de Brasil”.

E já adiantou que pretende fazer, na manhã de 7 de agosto, uma visita especial à Biblioteca Pública Benedito Leite.

Merval e Gonçalves Dias

A propósito, quem também confirmou presença na programação oficial do bicentenário de nascimento de Gonçalves Dias foi o jornalista e escritor Merval Pereira, atual presidente da Academia Brasileira de Letras.

Merval vai participar da sessão solene na Academia Maranhense de Letras, no dia 10 de agosto, e será um dos homenageados com a Medalha Gonçalves Dias 200 Anos.

E já informou que pretende fazer em São Luís uma visita ao seu confrade de ABL, o decano da Casa de Machado de Assis, José Sarney.

Justiça Eleitoral

Suspensa durante a pandemia, a coleta de dados biométricos já foi retomada em quase todas as zonas eleitorais do país.

No Maranhão, a expectativa é de que todos os eleitores do estado estejam com as digitais cadastradas até o pleito de 2026.

O TSE liberou novamente a retomada, mas sem a obrigatoriedade.

O agendamento pode ser feito pelo site do TRE-MA. Também é possível procurar diretamente um cartório eleitoral.

Conversa na Sala

Vem aí mais um livro de Martha Medeiros. “Conversa na Sala” (L&PM Editores, 256 páginas) é isso mesmo o que você está pensando: um convite a um bate-papo tête-à-tête (como nos velhos tempos), com a leveza que se tornou marca da escritora gaúcha.

Depois de um hiato de cinco anos, Martha volta a lançar uma coletânea de crônicas. São 122 textos publicados entre 2018 e abril deste ano, sobre temas da atualidade.

Em fase de pré-venda na internet, o livro estará nas livrarias de todo o país a partir de 3 de agosto.



Grande dama da sociedade paulistana, a hoje viúva Marly Mansur, descendo a escadaria de sua linda casa no sofisticado bairro do Morumbi, em São Paulo, que certa vez foi aberta especialmente para um almoço árabe em homenagem a este Repórter PH

MEMÓRIAS GASTRONÔMICAS...5

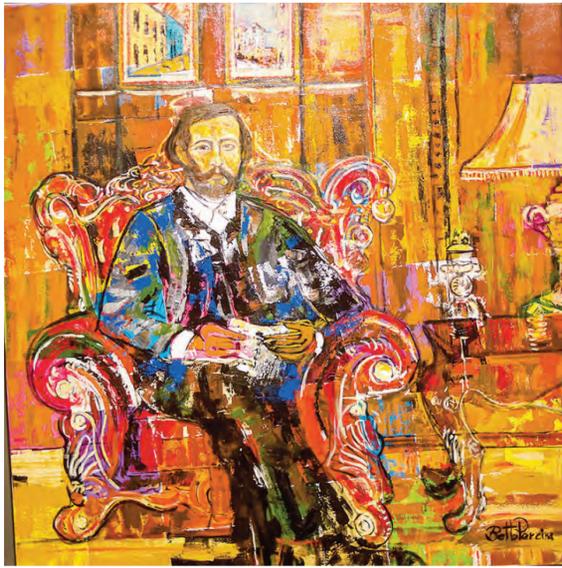
Imagino que o anonimato seja a melhor arma dos críticos da Michelin – chamam-lhe inspetores, certo? Imagino-os como os agentes secretos da gastronomia, uma mala cheia de perucas, bigodes postiços e tinta para o cabelo, mestres na arte de tirar notas sem se denunciarem, donos de uma memória prodigiosa para tudo o que todos os sentidos lhes dizem, e a capacidade para resumirem toda essa informação sensorial a uma, duas ou três estrelas (ou nenhuma).

Imagino que nunca comam sozinhos, que reservem mesa com nome falso e que vivam na angústia de não poderem dizer a todas as pessoas que lhes pagam para viajar e comer nos melhores restaurantes do mundo.



A apresentação dos pratos servidos no Alma é um espetáculo à parte

Fotos/PH/Divulgação/Brunno Carvalho



Três das onze telas de Betto Pereira expostas na Sala Portugal, do Convento das Mercês

DIAS DE GONÇALVES E POESIA

A poesia está no ar. O Convento das Mercês, sede da Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB), que guarda um imenso acervo doado pelo poeta, escritor e político maranhense José Sarney, ex-presidente da República e decano das Academias Brasileira e Maranhense de Letras, abriu as portas no último dia 18 de julho para uma exposição carregada de lirismo – Dias de Gonçalves e Poesia.

São 11 telas de 130X130cm e uma de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, com alto relevo acompanhado de audiodescrição. A grande novidade é que cada obra está acompanhada de um QR Code que direciona para uma música composta exclusivamente para aquela tela, com letra de Josias Sobrinho e melodia de Betto Pereira.

A mostra, que fica em cartaz até o fim de agosto, faz parte das comemorações alusivas

aos 200 anos de nascimento do poeta maranhense autor de “Canção do Exílio”.

As obras são impactantes pelo uso das formas e das cores, criando um universo único inspirado na obra do poeta, o que faz delas verdadeiras obras poéticas. Não à toa, a mostra faz uma releitura dos poemas de Gonçalves Dias e conta a trajetória do poeta, pautada pelo amor que devotava à vida e às artes.

Assim como o amor, a poesia de Gonçalves Dias, versada em paixão, espiritualidade e melancolia, orienta a mostra que traduz a influência dos versos na concepção do mundo. O poeta maranhense escrevia poesia de forma tão natural quanto respirava. E poderia até mesmo perguntar, como Marc Chagall: “Que diferença faz se é uma palavra ou um suspiro?”. Com a maturidade que a experiência como artista lhe deu, Betto Pereira entrelaça as pinturas e as poesias de Gonçalves Dias em flutuações de cores e formas.

Nascido no lugarejo Aldeias Altas, então pertencente ao município de Caxias-MA, em 10 de agosto de 1823, Antonio Gonçalves Dias faleceu aos 41 anos durante um naufrágio ocorrido nos mares do seu Maranhão.

A exposição Dias de Gonçalves e Poesia faz parte de uma itinerância que vai percorrer várias cidades brasileiras e foi concebida com a participação de outro grande artista, Josias Sobrinho, que escreveu as letras para as melodias de Betto Pereira que acompanham cada tela.

As obras, pinceladas sob a técnica acrílica sobre tela, são resultados de quatro meses de intensa produção criativa que envolve o abstrato e o figurativo com o propósito de proporcionar uma imersão na obra vibrante e poética de Gonçalves Dias e embalar o visitante numa atmosfera de conhecimento e encantamento, na qual possa dialogar e se sentir tocado pelos diversos sentidos do amor que perpassa a obra do poeta maranhense.



Visão panorâmica do numeroso público que foi participar da abertura da exposição Dias de Gonçalves e Poesia



O empresário Marcelo Vieira Brasil (do CEO do Grupo Potiguar) levou a família para prestigiar a abertura da mostra



O Repórter PH na moldura dos artistas Josias Sobrinho e Betto Pereira



O presidente da FMRB, Kécio Rabelo, com a presidente da Assembleia Legislativa do Estado, deputada Iracema Vale, e a titular da Secretaria de Governo, Luiza Waquim



Betto Pereira recebendo o procurador-geral de Justiça, Eduardo Nicolau



A poeta Laura Amélia (da Academia Maranhense de Letras) conferindo as obras de Betto Pereira



Élia e Augusto César Araújo com Teresa Martins



A produtora Rose Carvalho com o marido Betto Pereira

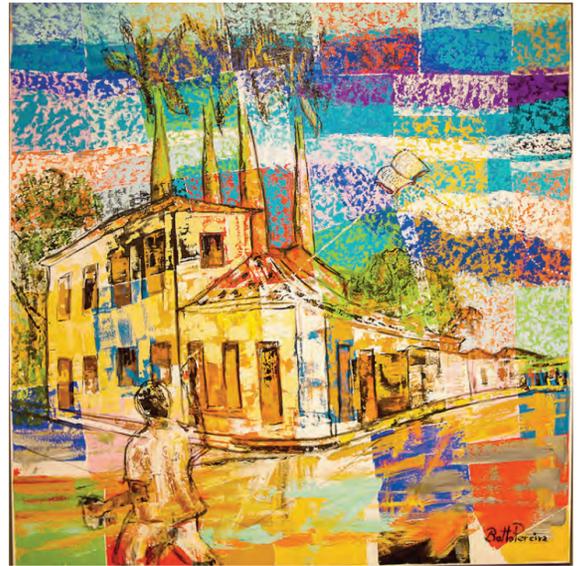


O curador da mostra, Carlos Dimuro, entre Josias Sobrinho, Betto Pereira e o presidente da FMRB, Kécio Rabelo



Eduardo Nicolau e o presidente da Academia Maranhense de Letras, desembargador Lourival Serejo

Fotos/PH/Divulgação/Brunno Carvalho



Mais três telas da coleção Dias de Gonçalves e Poesia, em cartaz na Sala Portugal, do Convento das Mercês



Teresa Martins não perdeu tempo e colocou o rosto no totem para os visitantes posarem com os poetas



Betto Pereira e a marchand Silvânia Tamer



Betto Pereira e a advogada Ana Cristina Brandão



Ângela e Jerônimo Leite com a filha



A família Brandão posando com Betto Pereira



O artista plástico João Ewerton com o poeta Felix Alberto Lima e o cantor Roberto Brandão



Um visitante interagindo com uma das telas expostas



João Ewerton, Silvânia Tamer, Betto Pereira e Lu Cutrim



Teresa Martins e Kécio Rabelo entre Annamélia Ribeiro e Walquíria Moraes



Betto Pereira, o Repórter PH e o Conselheiro (do TCE) Washington Oliveira



Betto Pereira participou do pocket-show



Josias Sobrinho também tocou e cantou



Edinho Bastos deu uma canja no pocket-show



A GAÚCHA Ieda Maria Vargas comemora em família, neste fim de semana, em Gramado (RS), 60 anos de sua eleição como Miss Universo, realizada em 20 de julho de 1963

Casas de vinhos

Coloque uma pequena quantidade de vinho numa taça. Em seguida aprecie sua cor, reflexo, limpidez e brilho. Na sequência aproxime bem o copo do nariz para sentir o seu aroma. Depois, girando-o suavemente perceba os novos aromas que se desprenderem. Coloque um pequeno gole na boca e sorva demoradamente, apreciando sua doçura, sua segura ou acidez, e no caso dos tintos, sua adstringência.

Permita que o vinho entre em contato com as diferentes regiões da língua. Sinta-o e define as suas sensações.

Essa é uma pequena amostra da arte de degustar um vinho. O processo pode parecer complicado no início. Afinal, não é tarefa fácil distinguir os diferentes tipos de vinho, decifrar os aromas e sabores que formam essa teia.

Mas mesmo esse mercado sendo tão restrito e o consumo por litro ainda incipiente, nos últimos anos houve um boom do tema vinho no país, o que elevou a visibilidade, a proximidade e a informação a respeito da categoria para o público.



A elegância para degustar uma taça de vinho tinto

Casas de vinhos...2

O crescente hábito de colocar a bebida à mesa ou a transformar em hobby fez com que a profissionalização do setor se mobilizasse, elevando o número de instituições e cursos de degustação.

Assim acontece em São Luís, onde as casas de vinho aumentam todo mês e as ofertas de grandes rótulos cresce a perder de vista.



Padre Antonio Vieira

Vieira e o tempo

Nada mais atual do que evocar o Padre Antônio Vieira, quando se tem em vista as condições meteorológicas ora vividas pelo Maranhão.

Quem imaginava o fim das chuvas, com o inverno se despedindo e dando lugar ao verão, estava longe da realidade.

As chuvas que voltaram a cair em São Luís, mostraram o quanto de veracidade há na afirmação de Vieira “de que no Maranhão até o céu mente”.

Do alto de sua sabedoria disse o jesuíta português: “Amanhece o sol muito claro, prometendo um formoso dia, e dentro em uma hora se tolda o céu de nuvens, e começa a chover como no mais entranhado inverno”.



Fotos/Divulgação

DO BAÚ DE RECORDAÇÕES: Madalena (nascida Guedes Pereira) e o antropólogo e escritor Gilberto Freyre (morreu no dia 18 de julho de 1987) ciceroneados pelo então jovem Repórter PH e o saudoso escritor Bernardo Almeida, em visita ao Palácio dos Leões, em São Luís

O PASSADO DAS COISAS FINIDAS

Nos anos 60 do século passado, éramos todos (os já nascidos, claro) mais jovens, mais bonitos e mais cheios de esperanças. E, como numa viagem de Julio Verne, volto a esse tempo em que o Papa João XXIII revolucionou a Igreja Católica com o Concílio Vaticano II. E os hippies defendiam o amor livre e a não violência.

Nos anos 60 do século passado, Iuri Gagarin descobre de longe, no céu, que a Terra é azul. Neil Armstrong pisa pela primeira vez numa lua que, de perto, é cinzenta. Fidel Castro mostra que sonhos podem se tornar reais, e sai das selvas para os palácios de Havana. Che Guevara tenta construir outros sonhos, e morre sozinho na selva boliviana.

Nos anos 60 do século passado, os Beatles cantam “I want to hold your hand” e mudam toda uma geração. No cinema é tempo de Blow up (com Jane Birkin, que esta semana morreu em Paris), La Dolce Vita (Marcello Mastroianni), 007 contra o Satânico Dr. No (Sean Connery), Bonequinha de Luxo (Audrey Hepburn), A Primeira Noite de um Homem (Dustin Hoffman; ao som de Mrs. Robinson, entre outros sucessos de Simon & Garfunkel), Easy Rider (Peter Fonda e Jack Nicholson) e o Pagador de Promessas (Anselmo Duarte) – que recebe a Palma de Ouro, no Festival de Cannes.

O passado das coisas findas...2

Nos anos 60 do século passado, Juscelino Kubitschek inaugura Brasília; os militares tomam o poder; o embaixador americano Charles Elbrick é sequestrado e depois trocado por quinze prisioneiros políticos. No futebol somos bicampeões, pelas pernas tortas de “Mané” Garrincha. Tem início a Bossa Nova, a Jovem Guarda, a Tropicália. Roberto Carlos canta “Quero que vá tudo pro inferno”; Chico Buarque, “A Banda”; Elis Regina, “Arrastão”; Geraldo Vandré, “Disparada”.

No Maranhão, José Sarney derrota o vitorinismo e lança as sementes de um Maranhão Novo. Enquanto isso, deputados são cassados. Intelectuais e estudantes, caçados. O poeta Bandeira Tribuzi é preso. E a vida segue seu curso



No período em que viveu um tórrido romance com um maranhense do interior do Estado, a atriz Cristiana de Oliveira veio algumas vezes a São Luís e faz amizade com o Repórter PH e Natasha Parente

previsível. Os jovens tomam Fratelli Vita, refresco de Pega-Pinto, ponche “leite de onça”, Cola Guaraná Jesus; vão ao “Encontro de Brotos”, no Lítro da Praça João Lisboa; e participam de Gincanas.

O passado das coisas findas...3

Nos anos 60 do século passado, quem tinha carro ia jantar num restaurante do Anil que era uma espécie de taverna suíça. Lá, a grande novidade era fondue de queijo e de carne – com salada de alface e tomate, pickles, chips de batata e molhos de beterraba, alho, rose, tártaro e verde.

A receita chegou a São Luís trazida por imigrantes franceses e alemães. Embora seja um prato muito consumido nos lugares de clima mais frio, aqui no Nordeste, apesar do calor dos trópicos, conquistou todos os gostos.

Fondue, só para lembrar, é participio passado do verbo “fondre” (fundir, em francês). Surgiu em princípios do séc. XIX, quando fabricantes de queijo, na região de Valais (Suíça), decidiram reaproveitar o queijo que sobrava de suas produções. Então derretiam essas sobras em um caldeirão, e iam provando a mistura com pão. Com o tempo, perceberam ser necessário acrescentar álcool – para que a mistura se conservasse por mais tempo.

O passado das coisas findas...4

Assim foi que, aos poucos, e de tão

bom, passou a ser prato repartido por amigos, em volta da mesa.

O caldeirão foi substituído por uma pequena panela de barro esmaltada (coquellon); a fogueira, por fogareiro à álcool (réchaud); os ganchos, usados para retirar o queijo do fogo, por garfos longos (fourchettes); e o álcool por kirsh.

Passou-se também a temperar a mistura com alho e pimenta; mantendo-se o pão, para acompanhar o queijo, suíço sempre – gruyère, para dar sabor; e emmenthal, para torná-lo cremoso.

O passado das coisas findas...5

Depois foram surgindo variações dessa receita. O “bourguignonne” (de carne) e o de chocolate – invenção dos franceses, bem mais recente.

Para acompanhar o prato, o chef suíço Daniel Romy recomenda um vinho específico para cada uma das receitas. O de queijo, “vinho branco seco com acidez bem marcada, para se contrapor à gordura do queijo”. O de carne, “vinho tinto encorpado e com taninos marcantes”. O de chocolate, “melhor vinho do Porto”.

Dia desses, no Chez Romy, na hora de saborear o prato e tomar vinho, lembrei o passado das coisas findas; e, também, o futuro das promessas generosas. Por tudo, com um “tim, tim”, levantei um brinde à própria vida.



Os saudosos paisagista Francisco de Paula Gomes e o padre João Mohana com o Repórter PH, na solenidade de condecoração dos três com a Medalha da Ordem do Mérito Timbira, no grau de Comendador. Na foto, Cleida Heluy Ferreira e Maria Burnett (esta já falecida)

Poesia é para ser lida em voz alta

Sabem os meus leitores da minha admiração pela obra do argentino Jorge Francisco Isidoro Luís Borges Acevedo – ou simplesmente Jorge Luís Borges. Praticamente todas as pessoas, através dos tempos, adotaram ídolos nos quais se espelharam, não importa de que atividade eles eram. Outrora, esses indivíduos tomados como referenciais eram guerreiros, que se destacavam em batalhas, quer em defesa de princípios, quer de mera conquista de territórios.

Houve tempo em que esses parâmetros de grandeza e de eficiência foram os exploradores de terras desconhecidas e distantes, os grandes navegadores, os aventureiros que incendiaram a fantasia de gerações, notadamente dos jovens.

Hoje em dia, porém, as opções são mais modestas e estão restritas a grandes atletas que quebram recordes e mais recordes nas pistas e nas piscinas, jogadores de futebol, vôlei, basquete ou qualquer outro esporte popular e/ou astros do cinema, da televisão e da música popular.

Eu, da minha parte, elegi escritores como modelos do que sempre quis ser. São os meus ídolos. E, entre eles, Borges, que na definição de José Saramago era um “fisioterapeuta da alma”, ocupa, sem dúvida, um lugar muito especial.

Não posso negar que tenha sofrido grande influência do mago, que tinha nos tigris e nos labirintos verdadeira obsessão, na minha forma de ver e interpretar o mundo. Claro que fui influenciado, também, por Marcel Proust, Eça de Queirós, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Ernest Hemingway, Gabriel Garcia Márquez, Octávio Paz e tantos e tantos outros, que me indicaram caminhos a seguir e me deram aulas de lucidez e racionalidade em seus livros.

Mas o que mais me aproximou do poeta, ensaísta, contista e escritor argentino – mais do que detentor de uma nacionalidade específica, ele é cidadão do mundo –, foi o seu estilo literário “sui generis”, em que os personagens mesclam situações de realidade e fantasia que nos enredam, acumpliciam e convidam à reflexão. É impossível ler algum dos textos de Borges sem se deter, amíúde, para refletir sobre algum dos mistérios da vida e do universo que ele aborda...

Gosto, sobretudo, do poeta Jorge Luís Borges. Afinal, é na poesia que ele revela toda a sua criatividade e transcende ao seu tempo e até à sua humanidade. Ascende, por intermédio dela, o panteão dos imortais, ao lado de gênios como Homero, Virgílio, Horácio, Camões.

Guardo, com muito carinho, uma entrevista que Borges concedeu pouco antes da sua morte. Nela, diz o brujo argentino: “Não há nada neste mundo que se possa comparar ao poeta. Porque este vislumbra o que vai além do horizonte. E isto é o todo”. E vai mais além ao considerar o poeta “construtor lírico de uma humanidade melhor”.

Há, claro, Poesia (com “p” maiúsculo) e mero arremedo dela. Há versos marcantes, que depois de lidos nunca mais se apagam da nossa memória e outros cujo significado não chegamos jamais a apreender e que, por consequência, não geram qualquer efeito, por não passarem de mera pirotecnia verbal. Há poemas que morremos de inveja por não termos sido nós seus autores e outros tantos que não passam de meras letras esparsas ou simples sinais gráficos.

Borges escreveu a respeito: “Um verso bom não pode ser lido em voz baixa – ou em silêncio. Se isso for possível, então o verso não vale a pena, pois um verso sempre exige sua pronúncia. O verso nos faz lembrar que, antes de arte escrita, foi uma arte oral; o verso nos lembra que inicialmente foi um canto”. E quem faz essa afirmação é um dos mais criativos e marcantes poetas dos tempos modernos.

Para Borges, um poema nunca estará concluído enquanto estivermos vivos. O que parece ser um novo é, na verdade, sempre o mesmo, posto que sob novos enfoques, com outra roupagem, outras palavras, certamente, com metáforas diversas das anteriores, mas ainda assim uma continuidade da criação original.

Borges escreveu, a propósito: “Talvez em uma dezena de dias esse poema que passei escrevendo a vida toda se transforme em uma obra completa. Do contrário, deverei seguir pensando como Galileu Galilei, que a valentia é uma forma de lucidez”.

Os versos de Borges são impossíveis de serem lidos em voz baixa e ecoam em nossa alma vida afora. Inúmeras vezes ele afirmou que sua maior ambição era ser esquecido depois que morresse. “O tempo se encarregará de me suicidar”, afirmou, certa feita.

Como esquecer o que está gravado a ferro e fogo na memória e no mais profundo patamar da nossa alma?

Evandro Júniorevandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)

- É clarividente o movimento do deputado federal Duarte Júnior em torno de sua candidatura à Prefeitura de São Luís no pleito de 2024. Ele aproveita o recesso parlamentar para colocar em prática uma ofensiva no sentido de mobilizar os partidos da base governista em torno de seu antigo projeto.

- As bolsas de especulação já passam a funcionar a todo vapor no Planalto Central. Nesse ambiente, o ministro Flávio Dino, da Justiça e Segurança Pública, embalado pela estatura política que alcançou dentro e fora do governo, voltou a ser alvo de especulação.

- Ele está sendo apontado como o nome mais forte para a vaga que será aberta no Supremo Tribunal Federal (STF) com a aposentadoria da ministra Rosa Weber, em outubro.

- Para a melhoria dos indicadores oficiais de cobertura vacinal infantil no Maranhão, a presidente da Assembleia Legislativa, deputada Iracema Vale (PSB), reuniu-se com o secretário de Estado da Saúde (SES), Tiago Fernandes.

- O objetivo foi discutir meios de acelerar e fortalecer a vacinação em crianças menores de cinco anos no estado.



Fotos/Divulgação/

SE NÃO HOUVER PEDRAS NO CAMINHO, tudo indica que o deputado federal André Fufuca (PP) será um dos ministros do governo Lula. Afinal, foi iniciada uma negociação há algum tempo com esse objetivo. Algo que pode ter um desfecho positivo para Fufuca. Comentaristas de programas de televisão por assinatura dão como certo o iminente desembarque do parlamentar na Esplanada dos Ministérios. A certeza que circula em Brasília sobre o assunto reforçou a imagem do encontro do "Rosto de Maçãs" com o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, principal negociador do Palácio do Planalto

Feirinha e Casarão

O domingo será marcado por mais uma parceria de sucesso entre a Feirinha São Luís e o Casarão Colonial. A programação terá início às 10h, na Praça João Lisboa, com apresentações do DJ Arsênio Filho, banda Original Fire, grupo Samba da Tamarineira e da cantora Dâmaris Tuany. A partir das 16h, a festa continua no Casarão Colonial, na Rua Afonso Pena, com banda Soul Reggae, Léo Scartey, grupo Samba de Reis, DJ Rogério Mix, Bruno Shinoda e o cantor Álvaro Neto, direto de Teresina (PI).

Na Casa Barrica

A Companhia Barrica do Maranhão realiza, na noite desta sexta-feira, na Casa Barrica, na Madre Deus, programação festiva para marcar o encerramento da agenda do Boizinho Barrica na temporada junina 2023. A entrada é um quilo de alimento não perecível, a ser entregue ao projeto 'Fazenda Esperança', que acolhe dependentes químicos. O evento será marcado pela gravação em áudio e vídeo do mesmo espetáculo apresentado nos arraiais entre os meses de maio e junho deste ano.

Moda pink

Quem viveu os anos 90 e 2000, com certeza foi impactado pelas patricinhas mais icônicas do cinema e seus mundos cor-de-rosa. Dos detalhes do quarto ao look do dia, as personagens lançaram uma verdadeira tendência ao redor da cor e suas diversas variações. Seguindo o movimento Y2K, que revisita a moda e a beleza deste mesmo período, a estética pink voltou com tudo para 2023.

Barreiras de gênero

A estética traz um novo olhar sob essa a cor, em diferentes tonalidades, buscando quebrar padrões de feminilidade, beleza e moda, ultrapassando barreiras de gênero e incentivando as pessoas a se expressarem, cada um à sua maneira. De acordo com o Business Insider, a nova tendência que vem fazendo a cabeça da geração Z, traz um ar divertido, que reflete os ânimos no mundo pós-pandemia.

Maison Valentino

Tudo começou na semana de moda de Paris de 2022, quando a Maison Valentino trouxe looks masculinos, femininos e agênero em tons de rosa vibrante, com sua coleção "Pink PP", quebrando tabus sobre o uso da cor. Desde então, esta tendência só tem crescido entre os fashionistas, ultrapassando o guarda-roupa e chegando, também, às penteadas ao redor do mundo.

Egeo Dolce

Muitos beauty lovers que cresceram na primeira década dos anos 2000 queriam ter um Egeo Dolce, do Boticário, todo rosa-choque, para chamar de seu e carimbar sua carteirinha de patricinha chique e acessível. E os batons rosa - sejam nas versões intensas ou mais claras - eram sucesso na hora da make das festinhas.



O salão de festas da Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal (APCEF), no Calhau, fica reservado, na noite deste sábado, para o baile que celebrará os 80 anos bem vividos de Cleudimar Lemos, que festejará a data ao lado da família e amigos em uma animada festa. Na foto, Cleudimar Lemos com o jornalista Evandro Júnior



Os bastidores do 'Tardezinha', que trouxe o cantor Thiaguinho para o Espaço Reserva, no último dia 8, aos cuidados da Gajo Entretenimento, foram marcados por uma ação solidária em parceria com o projeto Mesa Brasil, do SESC. E o resultado foi positivo: foram arrecadados 5.972 quilos de alimentos não perecíveis. Na foto, a produtora Ana Sousa com a equipe do Mesa Brasil



NO LANÇAMENTO do novo sistema de bilhetagem eletrônica, que integrará os ônibus urbanos e semiurbanos da capital maranhense, a coordenadora de Comunicação do Sindicato das Empresas de Transportes de São Luís (SET), Rubenita Carvalho, com Porfíria Silva, coordenadora da Gratuidade do SET São Luís e Maria José Machado, coordenadora comercial do SET São Luís



Fotos/Divulgação

O procurador-geral de justiça, Eduardo Nicolau, sendo ouvido por Ednarg Marques, Alenilton Santos da Silva Júnior e Carlos Alexandre Amaral

QUITANDEIROS DE SÃO LUÍS

Uma das exposições mais interessantes em cartaz nesta Capital é a que retrata os quitandeiros de São Luís. Composta de 11 fotografias coloridas, cada uma retrata quitandeiros de diversos bairros tradicionais de São Luís. Intitulada “Velhices”, a mostra foi aberta na última terça-feira, 18, no Espaço de Artes Márcia Sandes, na Procuradoria Geral de Justiça (Calhau).

As imagens são resultado de uma ação extensionista do Grupo de Pesquisa Velhice, Cultura e Sociedade (GEVCS) do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) em parceria com o Museu da Árvore (Marvoro) e estão impressas em telas. A curadoria é de Carolina Gesualdo e Suellen de Jesus.

A exposição, em cartaz até o dia 30 de agosto, objetiva retratar pessoas idosas que mantêm vivos os pequenos comércios domésticos de variedades em bairros tradicionais desta Capital. Membros e servidores do Ministério Público do Maranhão, além de representantes do IFMA e de entidades de defesa dos direitos dos idosos estiveram presentes na solenidade.

Na mostra, estão em destaque pessoas como os quitandeiros Sebastião dos Santos, da Madre Deus, e Maria Alice Pereira, do Coroadinho.

Na abertura, o procurador-geral de justiça, Eduardo Nicolau, destacou a importância de existirem iniciativas de preservação da memória dos idosos de São Luís. “Nós temos que cuidar dos idosos e de todos nós com muito carinho, para proporcionarmos uma velhice com muita dignidade e respeito e o estado também tem a obrigação de contribuir com esse processo.

Em seguida, a estudante do curso de Artes Visuais do IFMA, Ana Carolina Gesualdo da Silva, comentou sobre o processo de realização da exposição. “Foi uma experiência na qual foi possível compartilhar histórias, na qual foi possível adentrar as casas e as memórias. Portanto, a exposição é um convite para a gente refletir sobre a beleza da velhice, do envelhecimento e sobre os espaços poéticos de São Luís do Maranhão”.

O pró-reitor de Pesquisa e Extensão do IFMA, Carlos Alexandre Amaral, afirmou que as quitandas são espaços de memória e resistência. “Precisamos garantir todos os direitos dessas pessoas, que tanto contribuíram para a sociedade. Olhar essas fotografias é voltar à infância e fico muito feliz em saber que as quitandas ainda existem nos bairros de São Luís, porque sabemos que o mercado é bastante competitivo”, frisou.

Com observações semelhantes se manifestou o coordenador do Centro de Apoio de Defesa dos Direitos das Pessoas Idosas e das Pessoas com Deficiência (CAO-PIPD), Alenilton Santos da Silva Júnior. “As quitandas são espaços de memória e a memória da pessoa idosa é a história viva da sociedade e de todos nós. A exposição retrata a memória na medida em que busca manter vivos os ofícios tradicionais praticados por velhos e velhas, assumindo um protagonismo e transmitindo a nossa cultura para as gerações futuras”, ressaltou.

Encerrando a solenidade, o diretor da Secretaria de Planejamento e Gestão, Ednarg Marques, enfatizou que a exposição resgata laços afetivos do cotidiano social da cidade. “Quando o Ministério Público resgata a velhice e o ofício do quitandeiro, cumpre o seu papel de fomentar a cultura e a política de defesa do idoso. Portanto, essa exposição para além da beleza das imagens, é uma mostra que resgata sentimentos, porque a quitanda não era somente um espaço de comércio, mas também um lugar de encontro, de afetividade”, afirmou o promotor de justiça.



O veterano quitandeiro Sebastião dos Santos, da Madre Deus



Há muitos anos, Maria Alice Pereira faz sucesso com sua quitanda no Coroadinho



Os painéis espalhados no espaço da exposição



Mais um dos 11 quitandeiros que participam da mostra



Arquivo

De François Mitterrand para a amante Anne Pingeot: “A minha felicidade é pensar em ti e amar-te”

RELAÇÃO EXTRA CONJUGAL

Ou o amor secreto de Mitterrand em 1.200 cartas: “A minha felicidade é pensar em ti e amar-te”

Durante mais de 30 anos, o Presidente francês manteve uma relação extraconjugal com uma mulher 27 anos mais nova. Desse romance brotou uma (muito) profícua relação epistolar, segundo revela o jornalista João Pedro Pincha, em ampla reportagem publicada na Europa.

O jornalista conta que em outubro de 1962, um político em ascensão no Partido Socialista francês escrevia uma carta breve e formal a “mademoiselle Anne Pingeot”, então com 19 anos, para lhe emprestar um livro de que ambos tinham falado na noite anterior. Explicava ele que encomendou para ela um exemplar desse livro, que ainda não tinha chegado, e que por isso lhe remetia o seu. “Assim que tiver o volume que encomendei”, acrescentava, “enviar-lho-ei para a rue de la Chaise, a menos que tenha oportunidade de o entregar-lhe pessoalmente”, concluiu.

O livro “será o mensageiro que vos dirá a recordação fiel que guardo de algumas horas de um belo verão”, escrevia ainda François Mitterrand àquela que viria a ser sua amante durante os 32 anos seguintes, até a sua morte em 1996.

Se esta foi a primeira carta que Mitterrand lhe escreveu, só Anne Pingeot o saberá. Em 2016, quando dois dos protagonistas desta história estavam há muito enterrados, a especialista em escultura francesa do século XIX decidiu entregar à editora Gallimard um conjunto de 1218 cartas que o antigo Presidente lhe enviou, entre 1962 e 1995. Lettres à Anne abre uma janela para a vida íntima do histórico político, que há muito dava o que falar em França, mas não conta a história toda desta relação: tirando algumas notas esparsas, Anne não acrescenta as suas respostas, não faz comentários. Prefere o lugar da sombra, que com Mitterrand sempre ocupou.

Na primeira vez em que se viram, Anne tinha 14 anos. François e Danielle Mitterrand eram amigos dos seus pais e passavam juntos as férias de verão, em Hossegor, no Sudoeste do país.

Seis anos mais tarde, ele com 47 e ela com 20, apaixonaram-se e não mais se separaram – mesmo existindo Danielle na vida de François, para quem o divórcio não era opção. Em 1965, contou Anne ao jornalista britânico Philip Short, autor de uma biografia sobre Mitterrand (Portrait d’un ambigu), quando os dois passavam férias perto de Hossegor, o político levou-a a uma clareira nos bosques e anunciou-lhe que aquela casa em ruínas que tinham

diante deles seria a sua casa comum.

Anne entusiasmou-se com a ideia, fez planos, idealizou os aposentos. A casa foi recuperada e ainda hoje existe (mora lá um filho de Mitterrand, Gilbert), mas quem a habitou foi Danielle. “Quando somos jovens, sentimo-nos tão fortes”, desabafou Pingeot, muitos anos depois, quando o tempo já permitira apagar a desilusão que então sentiu. “As suas cartas eram apaixonadas, eu acreditei nelas. Pensei que aquela seria a nossa casa, como ele me escreveu. Que idiota fui!”

Só depois da morte de Danielle Mitterrand é que Anne Pingeot autorizou a publicação das cartas de François Mitterrand

A entrevista para o livro de Short, publicado em 2015, foi a primeira e única vez até hoje que Anne Pingeot (80 anos) falou publicamente sobre a relação entre ambos. Já antes David Le Bailly, jornalista da Paris Match, publicara um livro em que relata que a vontade de Mitterrand, em 1965, era separar-se da mulher, mas que esta recusou. Mais tarde, ainda segundo La captive de Mitterrand, quando foi Danielle a apaixonar-se por um instrutor de tênis e a querer o divórcio, foi ele que não quis. “O amante da sua mulher foi seu motorista e deu-lhe aulas de tênis”, garante Le Bailly.

Mas voltemos às cartas. Contêm paixão, poesia, sensualidade, desespero e política. “Não posso esperar para te dizer, para repetir, que triste ou feliz o meu coração é plenamente teu”, escreve Mitterrand numa carta de 1964. Noutra: “Estou apaixonado por ti, sinto falta dos teus lábios e do teu corpo a abrir-se para concluir a noite.” Noutra ainda: “Adoro a tua voz mesmo quando está zangada” e “a minha felicidade é pensar em ti e amar-te”.

“O leitor segue-o, fica sabendo onde eles se vão encontrar, quando, a que horas, em que cidade, em que trem chegam”, resume a escritora Nadia Galy no site da associação cultural corsa Musanostra. “Atravessa as passagens de ano separados, apanha vento em Hossegor, almoça em Auvergne e aguenta a espera. A desesperante espera por uma carta em resposta, uma chamada, uma palavra, uma esmola.”

Na entrevista a Philip Short, antigo correspondente da BBC em Paris, Anne assume que François foi o único homem da sua vida. “Nunca conheci outra pessoa.

Nem antes nem depois. Admirar a pessoa que amamos é uma felicidade imensa (...) Trinta e dois anos de vida intensa de felicidade... e de infelicidade!”, desabafa.

Da relação entre ambos nasceu uma filha, Mazarine Pingeot, que desde 2016 usa também o sobrenome Mitterrand, cuja existência só se tornou pública quando, em 1994, já ela tinha 20 anos, a Paris Match divulgou uma fotografia sua. Mazarine, conta Short, nasceu de um ultimato de Anne a François: ela não lhe exigia que se divorciasse nem que lhe fosse exclusivamente fiel, mas queria pelo menos um filho que simbolizasse a união.

“Mazarine, escrevo pela primeira vez este nome”, dizia Mitterrand numa carta de janeiro de 1975, dirigida à filha, que nascera no fim do ano anterior. “Estou intimidado perante esta nova personagem sobre a Terra que és tu”, admitia, pedindo à filha que crescesse, “mas não com muita pressa”. “Em breve abri-ás os olhos. Que surpresa será o mundo! Vais interrogar-te sobre ele até ao fim.”

Anne Pingeot fez uma carreira respeitada como historiadora de arte e conservadora de escultura, primeiro no Museu do Louvre e mais tarde no de Orsay, ambos em Paris. Este último, situado na rive gauche mesmo à beira do Sena, foi inaugurado em 1986, quando Mitterrand era Presidente. E foi Anne que fez a visita guiada de inauguração ao chefe de Estado e outros responsáveis políticos da época.

Nessa altura, não sendo do conhecimento público, o romance também já não era propriamente um segredo nos círculos que lhes eram mais próximos. Desde que fora pai de Mazarine, mas sobretudo desde a eleição como Presidente em 1981, Mitterrand levava uma vida dupla que durou até à sua morte. Danielle e os seus dois filhos estiveram lado a lado com Anne e Mazarine no funeral, a 11 de janeiro de 1996.

Danielle viria a morrer em 2011 e só depois é que Pingeot autorizou a publicação das cartas de François. A última é de 22 de setembro de 1995 e partiu de Belle-Ile, uma pitoresca ilha no golfo da Biscaia. Nela, Mitterrand descreve o seu estado físico – “o meu braço está um pouco dolorido e as forças partem não sei para onde” – e fala do tempo – “sem vento, nada se mexe”. Diz não conseguir dizer com certeza a que horas partem, devido às condições meteorológicas. “Seja como for, estarei em Paris antes da hora de jantar e o meu maior desejo é passar a noite contigo.”